

TANCREDO, A TRAVESSIA (2011), por Silvio Tendler

Julia Porchat Knudsen<sup>1</sup>

Nesse documentário de 104 minutos, o diretor e roteirista Silvio Tendler refaz a trajetória de Tancredo Neves (1910-1985), hábil político e líder no processo de transição da Ditadura Militar à democracia. Tendler, pela sua produtora Caliban Filmes, já contou a história de JK e Jango nos respectivos *Os anos JK – Uma trajetória política* (1980) e *Jango* (1984). Chegou a vez de Tancredo, como era chamado pelo público. Através de imagens de arquivo e 28 depoimentos de companheiros políticos, artistas, intelectuais e familiares próximos, o filme leva o espectador para perto do clima político do país desde as Diretas Já até sua morte.

Figuras como Fernando Henrique Cardoso, Aécio Neves (neto de Tancredo), José Sarney, Fernando Lira, Jarbas Passarinho, Almino Afonso, General Leônidas Gonçalves e artistas como Cristiane Torloni, Milton Nascimento, Fafá de Belém e Maitê Proença, contam como integraram com Tancredo a campanha das Diretas Já e seu trajeto à Presidência da República. O documentário, como podemos constatar pela relação dos entrevistados, não recolhe depoimentos de opositores políticos a Tancredo Neves.

Mineiro, Tancredo foi Ministro da Justiça de Getúlio Vargas até seu suicídio em 1954. No filme, esse momento é representado por uma encenação inspirada na peça teatral “O Tiro que Mudou a História”, de Aderbal Freire-Filho e Eduardo Novaes, com Marcelo Escorel na pele de Tancredo Neves. Ela mostra um pouco do enorme clima de tensão, rachaduras políticas e intenções de golpe no governo de Getúlio. Nesse cenário instável, Tancredo sempre se fez leal ao presidente, defendendo-o até o fim de sua vida.

De acordo com o filme, a trajetória de Tancredo Neves foi marcada por sua posição política moderada, pela batalha por democracia, por uma calma de caráter e por habilidade de conciliação e negociação. Não há registros no filme de momentos de exaltação de sua personalidade ou decisões tomadas no calor do momento. Os depoimentos convergem para

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar” (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 485808/2013-7). Texto escrito em 2016.

sua caracterização como figura firme e centrada, e é sempre lembrada sua destreza em transitar entre aliados e opositores.

Por ser publicamente uma figura moderada, ele foi escolhido, e aceito pelos militares, como o político certo para a transição controlada para a democracia, uma vez que as eleições diretas foram rejeitadas. Valoriza-se a emoção da cena, no filme, do Hino Nacional sendo cantado na Câmara, logo após a votação negativa da emenda que propunha eleições diretas para presidente. Jovens dando as mãos, de braços erguidos, seguram o canto no Câmara, cantando com determinação o hino como forma de protesto ao Regime Militar.

Conciliou apoio de membros da esquerda, como Miguel Arraes e Francisco Pinto, e de José Sarney com seus dissidentes do PDS, ex-aliados da ditadura, sem o qual a chapa não seria aceita pelos militares. Isso além de grandes nomes do centro, como Governador Franco Montoro, que apoiou sua candidatura desde o princípio, Fernando Henrique Cardoso e, claro, Ulysses Guimarães, que sendo possível candidato, abriu caminho e apoiou Tancredo por reconhecer suas maiores chances de sucesso e aceitação pelo Regime. O Partido dos Trabalhadores não apoiou a chapa e se ausentou da votação, mas tampouco era buscado por Tancredo como aliado.

Nenhum desses que aceitou unir-se em nome de um objetivo maior, entretanto, esperava o que viria a seguir. A sucessão de fatos relativos à doença e morte é narrada com emoção e delicadeza por seu neto Aécio Neves. É a primeira vez que um parente tão próximo comenta o acontecimento.

Aécio, que na época era secretário do avô, conta que ele começou a sentir dores abdominais fortes que evoluíram, conforme sabemos, para hemorragias internas que não foram salvas por cirurgia. A hipótese era de infecção generalizada. Aécio menciona e defende abertamente a possibilidade de erro médico no diagnóstico, por terem deixado tão descuidado seu avô, monitorado apenas com exames de sangue dia sim dia não na véspera de ser internado com urgência para cirurgia.

Tancredo chegou a adiar seu tratamento para não se ausentar enquanto fosse possível, com medo de retrocessos. Como conta Aécio em seu depoimento, emocionado,

Tancredo disse em seu leito de morte: “*Eu não mereço isso*”. Logo depois faleceu. Sarney assume oficialmente, levando ao comando do poder aqueles que menos representavam rompimentos em relação à Ditadura Militar.

A leitura do filme é a de que houve um sonho de democracia compartilhado por milhares de brasileiros desde o início da campanha das Diretas, concretizando-se na figura de Tancredo Neves. Como percebemos pelos depoimentos e imagens de arquivo, o clima era de desilusão e incredulidade com sua morte.

A estrutura estética da obra é eclética. Monta-se na convergência de depoimentos feitos para o filme, entrevistas de arquivo, vídeos jornalísticos da época, a encenação citada acima da peça *O Tiro Que Mudou a História*. Há ainda fotografias e notícias de jornais do momento ligados por sobreposições e *Fades In* e *Out*. Conectando tudo isso, está a narração de Beth Goulart e José Wilker. A voz em off é peça fundamental para a condução do documentário uma vez que é o meio através do qual mais se transmite informação ao longo do filme.

Sobre o ângulo de abordagem da História pelo filme e relacionando isso à estética da obra, Raul Arthuso se posiciona, na revista *Cinética*<sup>2</sup>, de forma desfavorável ao filme:

Esse procedimento narração-imagens de arquivo-voz de autoridade ao invés de aprofundar o discurso histórico, afunda o filme no oficialismo; ao invés de abrir as portas para a discussão, fecha-se num nacionalismo messiânico. Tancredo Neves vira o salvador da pátria, seus discursos inflamados são pontuados por canções populares de mudança e esperança, suas atitudes são descritas como racionalmente calculadas para um bem maior. Há, assim, uma relação oferta-procura: se o Brasil demanda heróis; Silvio Tendler nos dá um, meio que a reboque. A preocupação em realizar um filme que traga à luz uma figura histórica castra aquilo que deveria ser o principal: abrilhantar o protagonista com uma personalidade forte, a fim de que ele se torne indispensável por si só e não pela imposição do realizador. Daí que Tancredo – A Travessia soe como um discurso dos vencedores, sobre mártires e salvadores da pátria, daqueles que têm a autoridade para tratar com grandes figuras; um discurso dos que entendem a imagem histórica como mero instrumento revelatório das “verdades” e não como elemento demolidor das verdades absolutas, pelo poder de sugerir dados novos ao invés de explicar o que já é público; um filme saído de uma aula de história mais que de um projeto cinematográfico. Seria o caso, talvez, de ser um livro didático

O filme de Tendler pode não ter agradado à crítica no quesito cinematográfico, mas realmente traz uma carga histórica muito potente e inédita em alguns aspectos e entrevistas.

---

<sup>2</sup> ARTHUSO, Raul. “Tancredo – A Travessia, de Silvio Tendler (Brasil, 2011)”. *Cinética. Cinema e Crítica*. Edição Especial Cinema Brasileiro 2011. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/tancredo.htm>, acesso em 23/10/2016.

Para quem busca conhecer mais sobre a história brasileira e sobre a transição da ditadura para a democracia, por vezes difícil de ser compreendida por quem não viveu o período, o filme cumpre um papel importante. Seu didatismo é com certeza uma fonte de aprendizado.